

# Um porto seguro no coração de Brasília

Eixão Atípico ditou o ritmo, o volume e a cor do domingo para conscientizar sobre as necessidades das crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA)



» EDUARDO FERNANDES

Aos domingos pela manhã, o Eixão costuma ser o ponto central para inúmeras reuniões. Entre as corridas matinais e o lazer preenchendo os espaços, a vida pulsa no coração da cidade. Ontem, acolhimento e inclusão fizeram parte dessa rotina brasiliense. Em prol de uma sociedade mais consciente quanto às necessidades de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), um evento recheado de alegria reuniu familiares e visitantes.

A quarta edição do Eixão Atípico, promovido pela Ordem dos Advogados do Brasil (OAB-DF), trouxe uma manhã de atividades adaptadas, música e troca de experiências. Para o presidente da OAB-DF, Paulo Maurício Siqueira, Poli, a iniciativa vai além da diversão momentânea. “Nossas comissões se integram para mostrar que não pode ter diferença, que a gente precisa estar de coração aberto para mostrar que todo mundo merece respeito”, afirmou.

Ele ressaltou que, embora o evento seja anual, a luta por direitos deve ser constante. “As pessoas com autismo e doenças raras precisam de integração e do Estado, principalmente. E nós vamos continuar cobrando isso. Eles precisam do nosso apoio e carinho”, complementou.

Além do suporte emocional, a programação atraiu brasilienses de diversas regiões administrativas. Morador do Riacho Fundo, Therisson Barbosa Braga, 32 anos, estava na companhia do filho, Téo Luís, 4, que é autista nível 1 de suporte. Para ele, momentos como esse são



Presidente da OAB-DF, Paulo Maurício, o Poli: “Respeito”



Carolina Miranda e a filha, Luísa, 5: “Acolhimento”



O pequeno Davi, com a mãe Kelly: momento de alegria



Therisson, com o filho Téo Luís, de 4 anos: “Essencial”

fundamentais, sobretudo pelas vivências que são compartilhadas e ensinamentos absorvidos. “Isso é essencial para a gente, ajuda tanto os pais quanto os filhos a terem atividades e aprenderem mais sobre como trabalhar isso no dia a dia”, avaliou o pai, que se divertia com o pequeno torcedor do Gama em meio às brincadeiras.

## Rede de apoio

A jornada diária da maternidade atípica não é nada fácil. Para as mães que enfrentam essa rotina de cuidados, o evento serviu como um respiro. A enfermeira Carolina Miranda, 38, levou a pequena Luísa, 5, para a reunião no Eixão. Para a moradora da Asa Norte, ocasiões iguais a de ontem são essenciais na luta

por direitos das pessoas com transtorno de espectro autista.

“Nós que somos mães atípicas de neurodivergentes, normalmente nos sentimos muito sozinhas nessa jornada. Estar aqui, com todo mundo acolhendo a minha filha, é transformador. Acredito que, acima de tudo, precisamos acolhê-los e estarmos sempre presentes. Fazemos todo o cuidado com

ela de forma integrativa”, desabafou.

Segundo Carolina, a convivência com a filha é um ensinamento diário. Leveza, serenidade e muito amor, são apenas algumas das lições trocadas entre as duas. “Tenho que ter a calma de respirar e ensinar que está tudo bem. Levo isso para a vida: esperar o momento certo e acolher as emoções dela. Luísa verbaliza muito bem, sabe dizer o que sente. No início, antes do diagnóstico, era mais difícil. Agora, estamos nos encontrando”, acrescentou.

A rotina, no entanto, é reconhecidamente exaustiva. Kelly Cristina Alves, 28, moradora da Candangolândia, dedica-se exclusivamente aos cuidados do filho Davi, de quase 2 anos. Ela aproveitou a manhã de domingo para gastar a energia do pequeno e desmistificar conceitos sobre o autismo de nível 1. “O povo fala que é levezinho, mas ele tem muita rigidez alimentar e não gosta de silêncio. É uma jornada longa, puxada e cansativa, mas vamos vencendo um dia de cada vez”, relatou.

## Conscientização

Mais do que música, dança e orientações de especialistas, a programação aproximou pais e mães. E, tudo isso, unindo o lazer ao conhecimento técnico sobre a causa.

Instituído pela Organização das Nações Unidas (ONU), o Abril Azul é dedicado à disseminação de informações em combate ao estigma em torno do TEA. O ponto alto da campanha ocorre em 2 de abril, data em que monumentos ao redor do mundo são iluminados de azul para pautar debates urgentes sobre direitos, inclusão e o fim do preconceito.

## BEIRUTE 60 ANOS

# Símbolo da memória, ícone da resistência

» ANA CAROLINA ALVES

Fotos: Marcelo Ferreira/CB/D.A. Press

Para celebrar os 60 anos de história do restaurante Beirute, um dos endereços mais emblemáticos da capital federal, a casa apresenta, desde 16 de abril, a exposição *Beirute 60 anos — Uma história de subversão, amor e tradição*, na 109 Sul. A mostra, que segue até o dia 30, relembra momentos marcantes na trajetória do local a partir de reportagens do *Correio Braziliense*.

Frequentadora do Beirute desde a infância, a dentista Luísa Alves, 41, destacou a importância da exposição comemorativa para a preservação da memória do restaurante e da cidade. “Particpei de vários aniversários, vir essa exposição é um barato, ainda mais vendo o Chico novinho, porque a



Chiquinho, um dos donos do estabelecimento icônico



Luisa Alves (cinza), com Raquel Sá: “Patrimônio da cidade”



Michel Platini destaca o papel social do “Beira”

gente conhece ele há muito tempo, mas sempre de cabelo branco”, brincou. Para ela, a iniciativa vai além da celebração do estabelecimento. “O Beirute é um patrimônio. É importante conhecer a história, ver coisas que a gente não via e relembrar momentos que a gente viveu aqui”, destacou.

## Pertencimento

O tradutor de libras Michel Platini, 42, ressaltou o papel histórico do restaurante na formação do movimento LGBTQIAP+ no DF e a importância do espaço para a memória coletiva da cidade. “Foi aqui que surgiu o

primeiro coletivo LGBT de Brasília, o grupo Beijo Livre, a partir de um episódio de repressão a um gesto de afeto entre dois homens”, contou. “Apesar de não ser um bar LGBT, o Beirute virou um lugar de pertencimento para a comunidade”, acrescentou.

Frequentador do local desde a

década de 2000, ele afirmou que a exposição comemorativa reforça a conexão com a cidade. “Quem é de Brasília, em algum momento, passou por aqui e tem uma história para contar. O Beirute cresceu junto com a cidade e faz parte da identidade cultural daqui”, frisou o ativista.

## Confira!

**Exposição:** *Beirute 60 anos — Uma história de subversão, amor e tradição*  
Local: 109 Sul  
**Período:** até 30 de abril